

A transmissão da arte entre gerações de artesãs: um estudo sobre as panelerias de Goiabeiras

Alfredo Rodrigues Leite Silva¹
Giselly Hofmann Miotto²

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender a articulação da transmissão do conhecimento das panelerias de Goiabeiras, em suas estratégias cotidianas, para que sua atividade indígena secular perdure e faça parte da formação da identidade cultural do estado do Espírito Santo. A escolha por investigar este assunto se justifica pela relevância cultural da atividade secular de produção de panelas e utensílios de barro das panelerias de Goiabeiras, em Vitória, ES. Os dados foram obtidos por meio de pesquisa documental e entrevistas envolvendo vinte sujeitos de pesquisa e tratados por meio da análise temática de conteúdo. O estudo possibilitou compreender melhor elementos da dinâmica que envolve o processo de transmissão do conhecimento entre gerações de artesãs.

Palavras-chave: Práticas sociais; Transmissão de conhecimento; Aprendizagem.

Abstract

The current study has the aim to understand the knowledge transmission articulated by the "panelerias de Goiabeiras" and their daily strategies to make their secular indigenous activity last and be part of the cultural identity of Espírito Santo State. The option made for investigating this matter is justified by the cultural relevance of the secular clay-pots-and-utensils-production activity performed by the "panelerias de Goiabeiras", in Vitoria County, Espírito Santo State. The data were collected through desk research and interviews involving twenty research subjects and were processed through thematic content analysis. The study allowed better understanding the elements in the dynamics involving the knowledge transmission process among generations of artisans.

Keywords: Social practices; Knowledge transmission; Learning.

¹ Professor do departamento de Administração e do Mestrado e Doutorado em Administração do PPGADM/UFES. E-mail: alfredoufes@gmail.com

² Graduada em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo

Introdução

Este trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla voltada para a compreensão das relações entre os sentidos das práticas sociais e os direcionamentos das maneiras de “fazer estratégia” na vivência das paneleiras de Goiabeiras, no estado do Espírito Santo. A partir de um recorte nos dados empíricos dessa pesquisa, este estudo tem como objetivo: compreender como a transmissão do conhecimento das paneleiras é articulada em suas estratégias cotidianas para que sua atividade indígena secular perdure e faça parte da formação da identidade cultural do Estado do Espírito.

O ofício das paneleiras de Goiabeiras, bairro da Capital do Espírito Santo (ES), Vitória, consiste na fabricação artesanal de painéis de barro. A fabricação de painéis de barro é uma técnica de origem indígena, a qual consiste na modelagem manual, queima a céu aberto e coloração da panela com a tintura de tanino (BRASIL, 2006). Esta atividade é desempenhada predominantemente por mulheres e consiste em um saber transmitido de mãe para filha dentro de um contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2006). Também fazem parte do processo de confecção de painéis de barro a extração da matéria-prima – a argila e a tintura de tanino –, a qual é realizada por indivíduos do sexo masculino.

Estas artesãs estão organizadas em uma associação denominada Associação das Paneleiras de Goiabeiras (APG), que as representam e cujo lócus de trabalho é o galpão da APG, localizado no bairro de Goiabeiras.

Devido à importância cultural de sua arte, cabe estudar os processos pelos quais as paneleiras transmitem essa arte para compreender as possíveis implicações, positivas e/ou negativas, das mudanças contemporâneas na perpetuação dessa arte.

Após esta introdução, este artigo apresenta uma breve articulação teórica sobre as bases que norteiam a pesquisa, seguida da apresentação dos aspectos metodológicos. Em seguida, a discussão se concentra nos resultados da pesquisa, em torno de três temas: a trajetória de vida das artesãs e artesãos; o processo de aprendizado das novas gerações de artesãs; os obstáculos à perpetuação do ofício. Por fim, são apresentadas as considerações finais do artigo.

A transmissão do conhecimento para a subsistência

O tema transmissão do conhecimento permeia diversas áreas de estudos, entre elas está o campo dos estudos organizacionais. Dentre esses estudos, existe uma área que foca o processo de transmissão do conhecimento em pequenas organizações, voltadas para a subsistência e manutenção das tradições locais, como é o caso do estudo de Fischer e Soares (2010), que investigam o processo de aprendizagem e transmissão da atividade artesanal no Território do Sisal, localizado na Bahia.

O estudo dos autores deixa claro que a transmissão do saber se relaciona a um processo de aprendizagem, que ocorre em três dimensões: aprender a ensinar; aprender a manusear e a aprender a difundir. Ao destacarem essas três dimensões na transmissão da atividade artesanal, os autores contribuíram por oferecer as bases para investigações futuras, interessadas em entender a dinâmica dessa transmissão em outras atividades artesanais.

Este artigo parte dessa contribuição, mas busca complementá-la. No estudo de Fischer e Soares (2010), não ficam evidentes as estratégias cotidianas adotadas pelos mestres artesãos na perpetuação de suas tradições. O presente trabalho buscou preencher essa lacuna, uma vez que procurou investigar o processo de transmissão da atividade de confecção de painéis de barro entre as gerações das paineleiras de Goiabeiras e evidenciar as estratégias adotadas por estas artesãs na manutenção e difusão de sua arte.

Para investigar esse processo neste estudo, parte-se do entendimento de Berger e Luckmann (2008) sobre a construção social da realidade, de Jodelet (2005) e Moscovici (2003) sobre as representações sociais, bem como da visão de Certeau (1994) sobre as estratégias e táticas cotidianas. A articulação teórica dessas abordagens permite reconhecer as maneiras de fazer em nível micro articuladas no cotidiano.

A partir desse embasamento teórico e da metodologia, apresentada a seguir, buscou-se desvelar a dinâmica social que envolve as paineleiras e parte de sua inserção no contexto cultural capixaba, o que remete à relevância deste estudo.

Aspectos metodológicos

A fim de investigar esse problema de pesquisa, optou-se pelo método qualitativo, pois possui instrumentais necessários para o alcance das interpretações e compreensões envolvendo questões relacionadas à complexidade do comportamento humano. A abordagem metodológica adotada no presente estudo também é encontrada em pesquisas como as de Cavedon e Ferraz (2005) e de Carrieri, Junquilha e Silva (2011).

A escolha desta abordagem no presente trabalho encontra justificativa em Minayo (2007), para quem a pesquisa qualitativa é adequada para estudos que envolvem valores, crenças, motivos, significados, entre outros aspectos.

O modo de investigação adotado para alcançar o objetivo proposto foi o estudo de caso, que para Triviños (2006, p. 133) "...é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente". Sendo que neste trabalho, a unidade de análise é a prática social dos sujeitos (maneiras de falar, repreender, negociar, brincar...).

Os dados empíricos analisados neste trabalho foram originados em uma pesquisa mais ampla, na qual este artigo se insere, que se voltou para a compreensão das relações entre os sentidos das práticas sociais e os direcionamentos das maneiras de "fazer estratégia" na vivência das paneleiras de Goiabeiras, no estado do Espírito Santo. A referida pesquisa se utilizou de múltiplas técnicas de coletas de dados em múltiplos grupos de sujeitos. Dentro desta pesquisa, este artigo se voltou para o seguinte objetivo: compreender a articulação da transmissão do conhecimento das paneleiras de Goiabeiras, em suas estratégias cotidianas, para que sua atividade indígena secular perdure e faça parte da formação da identidade cultural do estado do Espírito Santo. Portanto, delimitou-se o grupo de sujeitos da análise aqui realizada às paneleiras.

Dentro desse corte, os dados analisados se referem às entrevistas não estruturadas, às entrevistas semiestruturadas e à pesquisa documental. Em um primeiro momento, foram entrevistadas doze paneleiras com vivência mínima de dez anos em atividades relacionadas com o cotidiano das paneleiras, dentre elas, a presidente e a ex-presidente da associação de paneleiras. Esse grupo foi entrevistado por meio de entrevista não estruturada, com foco na trajetória de vida dos seus

membros e seus conhecimentos e relações com a associação de paneleiras e, em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas semiestruturadas do grupo de paneleiras foram baseadas em um roteiro com temas específicos a serem aprofundados. Durante as entrevistas, foi solicitado às respondentes que indicassem novas respondentes, na chamada técnica da bola de neve (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Isso ocorreu até se identificar a recorrência (saturação) (SÁ, 1998) dos temas em torno do roteiro de entrevista, quando a composição final do grupo de sujeitos das paneleiras foi definida com vinte paneleiras, sendo dezessete mulheres e três homens.

Também foram analisados dados de uma pesquisa documental que teve como critério para seleção dos documentos a identificação de informações sobre o contexto das paneleiras e sobre os seus processos de transmissão de conhecimento.

O tratamento dos dados se deu por meio de uma abordagem temática da análise do conteúdo. Nessa abordagem, determinados temas são tratados como categorias e utilizados para uma organização sistemática dos dados, permitindo agrupar manifestações relacionadas umas com as outras e oferecer sentido e legitimidade para o conjunto de manifestações. Os temas adotados como categorias, inicialmente, basearam-se nas três dimensões do processo de aprendizagem do artesanato destacadas por Fischer e Soares (2010): aprender a ensinar; aprender a manusear e a aprender a difundir. Ao longo da análise dos dados, eles foram complementados com base nos próprios dados e incluíram os seguintes temas: trajetória de vida; processo de aprendizado das novas gerações; obstáculos à perpetuação do ofício.

A partir desse caminho metodológico, foram realizadas a coleta e a análise dos dados discutidos a seguir.

Resultados e Discussões

A análise dos dados coletados que se delineiam a seguir foi construída com base nas 20 entrevistas concedidas pelas artesãs associadas à Associação das Paneleiras de Goiabeiras (APG), dentre as quais destaca-se a presença de três indivíduos do sexo masculino, sendo possível evidenciar através desse conjunto a formação de um

discurso sobre o processo de transmissão do conhecimento entre as gerações de artesãs.

A investigação do processo de transmissão do conhecimento entre as gerações de paneleiras, captado por meio de suas narrativas, foi construído com base em três tópicos: trajetória de vida das artesãs e artesãos; processo de aprendizado das novas gerações de artesãs; obstáculos à perpetuação do ofício.

Trajétoria de vida das artesãs e artesãos

A maioria das artesãs e artesãos relata ter aprendido o ofício na infância ou na adolescência. O processo de transmissão do ofício se deu dentro de um contexto familiar, tendo em vista que os sujeitos responsáveis pela transmissão do conhecimento foram membros da família, mães em sua maioria, tias, avós e irmãs. Apesar de não haver relatos de que sujeitos do sexo masculino fossem responsáveis pelo ensino da confecção de panelas, verificou-se a importância dos mesmos no ensino da extração da matéria-prima utilizada na confecção das panelas, já que a extração de argila e da tintura utilizadas na coloração da panela é feita predominantemente por homens, cujo conhecimento tem sido transmitido de pai para filho, como pôde ser observado.

Pôde-se observar que, para a maioria dos entrevistados, o processo de iniciação no ofício se deu de forma lúdica, por meio da confecção de brinquedos de argila. Mas o primeiro contato com a panela de barro se deu pela fase de alisamento que, na opinião das artesãs, é a mais fácil e menos cansativa. A minoria dos entrevistados relatou que foram obrigados por seus familiares a aprenderem e seguirem o ofício, a maioria relatou que se interessou pelo ofício por que viram nele um meio de sobrevivência.

Apesar de terem sido motivadas pela questão financeira, a maioria relata gostar e ter orgulho do que faz e tem consciência do valor de seu trabalho, como pode ser observado no relato a seguir:

A gente vê que o nosso artesanato é a coisa mais importante do estado, porque o cliente quer comer a Moqueca Capixaba na panela de barro (Entrevistada 1).

Em relação ao tempo de exercício do ofício, a maioria afirmou ter mais de vinte anos de confecção de panela de barro e cerca de metade dos entrevistados afirmaram ter abandonado o ofício por um período de tempo e exercido funções diversas fora das atividades desenvolvidas dentro do galpão. Dentro desse grupo, a maioria relatou que abandonou o ofício por melhores condições de trabalho fora do galpão, mas devido ao desemprego e à falta de autonomia em outras funções decidiram por retornar à atividade de confeccionar panelas de barro.

Nos relatos das entrevistadas, pôde-se verificar uma mudança no processo extração de matéria-prima e confecção das panelas de barro. Em períodos anteriores, as artesãs participavam de todo o processo de confecção da panela de barro, desde a retirada do barro e do tanino até a confecção propriamente dita. Atualmente tanto a extração da argila como da tintura são realizados por indivíduos do sexo masculino, associados à APG, os quais cobram por seus serviços. Até mesmo no processo de confecção de panela propriamente dito, pôde-se observar a terceirização do serviço, seja no alisamento, no acabamento final ou na queima.

O processo de aprendizado das novas gerações de artesãs

Segundo os entrevistados, as novas gerações aprendem o ofício assim como as antigas, por meio de algum membro da família, a mãe em sua maioria, mas com uma peculiaridade em relação às gerações pioneiras, as novas gerações têm iniciado no ofício na adolescência. Um dos motivos para essa mudança pode estar relacionado ao fato de as novas gerações permanecerem um período maior no ensino escolar de base em relação às mais antigas.

A motivação pelo aprendizado do ofício e o processo de iniciação das novas gerações se assemelham ao das artesãs mais antigas, como pode ser observado no relato a seguir:

Geralmente, as novas paneleiras começam a aprender o ofício brincando e na curiosidade de ver os pais fazer, vender as panelas e ganhar dinheiro (Entrevistada 10).

Mas, na opinião da maioria das entrevistadas, não basta apenas que as novas gerações tenham interesse em aprender o ofício, é preciso ter dom e gostar do ofício, como pode ser observado no relato abaixo:

A gente sabe se a pessoa tem o dom ou não pela forma de se pegar o barro. A partir dali, a gente já sabe que vai sair panela” (Entrevistada 01).

Para ser paneleira, tem que nascer querendo, pois é o amor que faz as panelas (Entrevistada 03).

Observou-se que o processo de transmissão do conhecimento às novas gerações é marcado pela manutenção da tradição familiar, isto por que dentre as entrevistadas apenas uma não era descendente de paneleira, mas foi inserida no ofício por intermédio da sogra, a qual é paneleira. Em relação à presença de não descendentes de paneleiras exercendo o ofício no galpão, chama a atenção o discurso que se segue:

Para mim, um dos grandes obstáculos para a sobrevivência das paneleiras é que as antigas não querem deixar que as novatas que não estejam na linha de tradição façam. Nas oficinas, pessoas de fora aprendem o ofício, mas elas não conseguem espaço, porque as antigas bloqueiam a entrada delas. Com isso, existem cada vez menos paneleiras para nos substituir (Entrevistada 2).

Observa-se que o aprendizado só é permitido àquelas que fazem parte da linhagem de paneleiras, a exceção ocorre quando uma mulher se casa com um filho ou neto de paneleira.

Apesar da preocupação das artesãs em manter a tradição, algumas das entrevistadas relataram não incentivarem e nem permitirem que seus filhos aprendam e sigam seu ofício por considerá-lo desgastante, perigoso e sem o retorno financeiro desejado.

Observou-se também que as novas gerações, apesar de aprenderem o ofício, acabam por não dar continuidade no mesmo devido às melhores oportunidades de

trabalho fora do galpão. O exercício do ofício passa a ser esporádico e motivado pela necessidade de aumentar a renda pessoal e/ou da família.

Obstáculos à perpetuação do ofício

A maioria dos entrevistados concorda que existem obstáculos à perpetuação do ofício. Dentre os vários relatados, merecem destaque: as condições de trabalho das paneleiras; oportunidades de trabalho fora do galpão; a tradição da transmissão entre gerações de paneleiras; a ausência de direitos trabalhistas; os custos com a matéria-prima; ausência de renda fixa e a disputa pelas vendas.

Algumas das entrevistadas relataram que as novas gerações não se interessam pelo ofício porque a maioria prefere estudar e seguir outra profissão que remunere melhor, que ofereça garantias trabalhistas e melhores condições de trabalho. Outras atribuíram às condições insalubres de trabalho a causa do desinteresse das novas gerações em perpetuar o ofício, como ilustra o relato abaixo:

Se eu tivesse filho hoje em dia, ele não faria panela. A minha estória termina comigo, porque as gerações que vêm não têm quem queira fazer panela, porque sabe que é um sacrifício, ninguém quer pegar quentura de fogo, ficar com a pelinha queimada, a não ser que seja de praia, bronzamento de praia. Nós não, nós nos dispomos a tudo. Hoje em dia, os jovens não querem isso, querem sim, às vezes, alisar uma panela, duas pra ganhar um trocadinho, mas além disso não querem, porque é muita exposição à quentura, é muito trabalho (Entrevistada 17).

Existem as que consideram a ausência de direitos trabalhistas um obstáculo à atração de novas gerações de paneleiras, como se observa nos discursos abaixo:

Não temos suporte e documentação necessária para comprovar a aposentadoria. As paneleiras não possuem renda fixa, e o envolvimento de toda a família é para ajudar principalmente as gerações mais antigas que já não têm força para trabalhar, igual aos mais novos (Entrevistada 04).

Não tem direito trabalhista aqui (Entrevistada 05).

À ausência de direitos trabalhistas somam-se também a instabilidade da renda, as disputas pelas vendas – nem todas as paneleiras possuem clientes fixos e encomendas periódicas – e o aumento dos custos de produção, já que quase toda a matéria-prima é extraída por terceiros, como fatores que desmotivam as novas gerações a darem continuidade ao ofício.

Há também relatos da resistência das paneleiras mais antigas em romper com a tradição no processo de ensino e transmissão do conhecimento, as quais insistem em manter a transmissão do ofício dentro da linhagem familiar de paneleiras. O relato que se segue ilustra esta situação:

Para mim, um dos grandes obstáculos para a sobrevivência das paneleiras é que as antigas não querem deixar que as novatas que não estejam na linha de tradição façam. Nas oficinas, pessoas de fora aprendem o ofício, mas elas não conseguem espaço porque as antigas bloqueiam a entrada delas. Com isso, existem cada vez menos paneleiras para nos substituir (Entrevistada 02).

Além dessas dificuldades, existem famílias que, apesar de prezar pelo ensino do ofício, não desejam que seus filhos sigam a profissão, como se observa no relato abaixo:

Os pais não querem que os seus filhos fiquem fazendo panelas. Nós queremos que os nossos filhos sejam independentes, mas se a profissão não der certo, temos a panela para nos sustentar (Entrevistada 07).

Se no passado a panela era a única opção de sustento de boa parte da família, hoje ela se transforma na última opção, mas, ainda assim, é considerada como uma alternativa. Como a tarefa das paneleiras continuou basicamente a mesma ao longo dos anos, fica claro que a mudança ocorreu no contexto de inserção dos membros da sua família na sociedade. Há por parte dela uma expectativa por melhores condições de vida e de trabalho para seus descendentes, além do que a arte das panelas de barro tem oferecido.

Isso remete à reflexão sobre o futuro da transmissão da arte por parte das paneleiras, na medida em que a sociedade oferecer atividades cada vez mais valorizadas e que proporcionem condições de vida e trabalho cada vez melhores. Parece clara a necessidade de se discutir como alcançar uma maior valorização da

arte das paneleiras, e uma melhor condição de trabalho e de vida para quem realiza essa arte. Caso não se iniciem mudanças nessa direção, pode ocorrer a ampliação do risco de se perder, no longo prazo, tanto o potencial cultural quanto econômico da arte das paneleiras para os capixabas.

Considerações finais

Diante do exposto, pode-se inferir que o processo de transmissão do conhecimento entre as gerações de artesãs está atrelado a fatores como manutenção da tradição familiar, necessidade de sobrevivência e preocupação em perpetuar o ofício.

As artesãs têm consciência do valor de seu ofício para a formação da identidade cultural do estado e se utilizam disso em seus discursos como meio de chamar a atenção de instituições públicas e privadas que possam auxiliá-las a mantê-lo vivo. A adoção dessa estratégia parece ser o mecanismo por elas utilizado na perpetuação de seu ofício. Essa percepção se coaduna aos estudos de Certeau (1994) sobre as estratégias e táticas cotidianas. Isto porque, para o autor, as pessoas não são submissas aos processos disciplinares impostos socialmente. Elas continuamente transgridem a ordem estabelecida em benefício próprio, por meio do uso astucioso desses processos disciplinares. O autor chama essa maneira de fazer criativa e improvisada de bricolagem.

A bricolagem é base das “táticas” adotadas pelo fraco, aquele indivíduo que ocupa o lugar destituído de poder e querer, o lugar do “outro”. Já o forte ocupa o que o autor denominou de lugar do “próprio”, que é o lugar de poder e querer (Certeau, 1994).

Para Certeau (1994), esse sujeito de querer e poder faz uso da “estratégia”, que consiste no cálculo da relação de forças, para estabelecer o seu lugar, o do “próprio”, e a partir dele gerir as relações com uma exterioridade distinta. Já as “táticas” não podem contar com esse lugar delimitado, de poder e querer, restando-lhe apenas o lugar do “outro”, o qual não lhe permite capitalizar ganhos. Desta forma, esse sujeito necessita o tempo todo estar atento às possibilidades de ganho e agir de forma criativa e astuciosa (bricolagem), a fim de obter ganhos sobre os fortes.

Ao utilizar esse discurso, as paneleiras conseguem manter e perpetuar seu ofício e meio de sobrevivência, a despeito de permanecerem as ameaças de rompimento com essa perpetuação.

Este estudo revelou a necessidade de uma reflexão sobre os caminhos possíveis para se ampliar a valorização da arte das paneleiras e melhorar as condições de trabalho para a realização dessa arte. Não se defende aqui uma ruptura com a tradição cultural, mas que se reflita sobre os caminhos que ela pode tomar para ser perpetuada, sem exigir que os membros das famílias de paneleiras tenham condições de vida e trabalho ou uma valorização muito pior do que a de outros membros da sociedade.

Agradecimentos:

À FAPES e ao CNPQ pelo apoio financeiro.

Referências Bibliográficas

BERGER, P. LUCKMANN, T. A Sociedade como Realidade Objetiva. In:_____. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Codex: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê IPHAN 3: Ofício das Paneleiras de Goiabeiras**. Brasília, 2006.

CARRIERI, A. P.; JUNQUILHO, G. S.; SILVA, A. R. L. A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. **Revista de Administração**, v. 46, n. 2, p.122-134, abr./maio/jun. 2011.

CAVEDON, N. R.; FERRAZ, D. L. da S. Representações sociais e estratégia em pequenos comércios. **RAE-eletrônica**, v. 4, n. 1, Art. 14, jan./jul. 2005.

CERTEAU, M. de **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes. 1994.

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

FISCHER, T. M. D.; SOARES, R. M. F. Aqui aprendeu da mãe que aprendeu da mãe: memórias e significados do artesanato no território do Sisal/Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 34., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S.(org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.